

## ***O DESAMPARO COMO PRODUTO NEOLIBERAL NA CONTEMPORANEIDADE***

*Autora: Fabrise Rosa Amaro<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho analisa o desamparo como produto da racionalidade neoliberal, discutindo como esse sistema opera na individualização, precarização e fragilização dos laços sociais. Partindo da noção psicanalítica de desamparo, desenvolvida por Freud, busca-se compreender como o neoliberalismo investe nessa condição constitutiva do sujeito, assim como esse modelo socioeconômico produz o desamparo que culmina numa situação traumática.

**Palavras-Chave:** Estado; Neoliberalismo; Subjetivação.

**Abstract:** The present study analyzes helplessness as a product of neoliberal rationality, discussing how this system operates through the individualization, precarization, and weakening of social bonds. Drawing on the psychoanalytic notion of helplessness developed by Freud, the paper seeks to understand how neoliberalism invests in this constitutive condition of the subject, as well as how this socioeconomic model produces forms of helplessness that culminate in traumatic situations.

**Keywords:** State; Neoliberalism; Subjectivation.

---

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ. Bolsista CAPES.

## **INTRODUÇÃO**

O trabalho aqui apresentado nasce de uma inquietação frente a um estado que se apresenta de forma silenciosa, o desamparo. Vivemos hoje um novo modo de ser do capitalismo, o neoliberalismo. Se estruturando não apenas como uma lógica de mercado e do capital, esse sistema estende a sua lógica a todas as relações e âmbitos da vida. Seguindo um modelo de gestão empresarial, opera num regime de concorrência que caracterizará um novo modo de subjetivação (Dardot e Laval, 2016). Têm-se neste novo do modo de ser do capitalismo, um reengajamento do Estado sobre novas bases.

Esse modo de gestão, que tem como primazia a lógica da concorrência, não se restringe apenas a questões econômicas e governamentais, também exigirá que vivamos num modelo de competição generalizada. Uma de suas consequências é a forte individualização das relações sociais, além de, o surgimento de um novo sujeito. Para o filósofo Han (2018) este modo de gestão e fabricação do sujeito, fará com que o sujeito reproduza um contexto de dominação dentro de si, interpretando como liberdade. A lógica neoliberal opera pela lógica do mercado e a forma de empresa como modelo de subjetivação, fazendo com que o sujeito se governe como empresa de si mesmo (Dardot e Laval, 2016). O outro por sua vez, será o seu concorrente. Acreditando ter se libertado de coerções internas, devido ao sentimento de liberdade, o sujeito agora submete-se a coações internas, na forma de uma busca incessante por desempenho e otimização (Han, 2018).

O anti-intervencionismo do Estado provocará o enfraquecimento das ofertas de serviços 1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ. Bolsista CAPES. públicos, consequentemente a fragilização e precarização das políticas de bem-estar social. Precarização que como aponta Ferreira (2022), não se limita ao âmbito do trabalho, mas tem os seus contornos na vida subjetiva. No cenário brasileiro temos como exemplo a reforma trabalhista de 2017. A Lei nº 13.467, que altera a Consolidação das Leis do trabalho, tendo como objetivo modernizar e flexibilizar as relações de trabalho no Brasil. Esta reforma impõe um arcabouço jurídico

regressivo aos trabalhadores, baseado na retirada de direitos, sobretudo consolida um quadro de desproteção (Ferreira, 2022).

Ao minar os alicerces de sua própria existência, o Estado se retira do lugar de amparo e suporte, fabricando um sujeito autônomo, disponível, sem garantias ou direitos de trabalho, flexível, empreendedor de si e competitivo. A racionalidade neoliberal força o eu a agir sobre si mesmo (Dardot e Laval, 2016; Han, 2018). Exige autossuficiência, no entanto, as formas neoliberais de poder destroem todas as possibilidades para que isso aconteça (Butler, 2018). Conforme Ferreira (2022), na sociedade neoliberal há forças que permitem a sustentação de lógicas e dispositivos gestionários característicos das práticas concorrenciais, dos modos de flexibilização e da precarização.

Ao operar no sentido da retirada das redes de proteção ofertadas pelo Estado, exposição a riscos, precarização, a racionalidade neoliberal empurra o sujeito a uma condição de ausência de ajuda, fazendo-o se sentir impotente, numa condição de desamparo.

A noção de desamparo trabalhada aqui a partir do viés psicanalítico, se torna uma importante ferramenta para fundamentar como a racionalidade neoliberal investe nessa ausência de ajuda, ou seja, no desamparo. Percorrendo o caminho por algumas obras de Freud, compreender e discutir sobre o estado de desamparo característico e constituinte do sujeito quando se torna desestruturante, instala-se como uma situação traumática que impossibilita o sujeito de agir e buscar novos caminhos de simbolização. Resultando numa situação de desamparo produzida pelo neoliberalismo.

Busco desenvolver como a racionalidade neoliberal, com suas “forças que dão sustentação às lógicas e aos dispositivos gestionários das práticas concorrenciais, dos modos de flexibilização e da precarização” (Ferreira, 2022), fabrica sujeitos e modos de vida individuais e vulneráveis. Ao operar a partir de um intervencionismo negativo do Estado (Dardot e Laval, 2016”), a lógica neoliberal enfraquece e desfaz laços sociais, reduz direitos básicos em autorresponsabilidade, retirando do sujeito sua rede de proteção e amparo, o conduzindo ao desamparo. Além de, dar ênfase na noção de situação de desamparo – desenvolvida por Freud em seu texto Inibição, sintoma e angústia

(1926) – a finalidade é caracterizá-la como produto da racionalidade neoliberal. Por fim, compreender que neoliberalismo fabrica sujeitos autônomos, fragilizado e desprovidos de amparo. Ao fabricar autorresponsabilidade e os modos de vida individuais, o neoliberalismo transforma o desamparo estruturante do sujeito em estratégia de poder e manutenção.

### ***FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA***

O capitalismo ao longo do tempo se transformou e trouxe mudanças e consequências para o que temos e vemos de mundo hoje. Vivemos hoje uma nova forma de ser do capitalismo, o neoliberalismo: “é errado dizer que estamos lidando com o “capitalismo”, sempre igual a ele mesmo, e com suas contradições que inevitavelmente levariam a ruína final (Dardot e Laval, p.07, 2016). Se apresentando não apenas como uma ideologia ou um tipo de política econômica, o neoliberalismo é um sistema de normas que amplia sua lógica ao mundo. Caracterizado por uma lógica de mercado e do capital, esse sistema estende essa lógica a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida. Operando num regime de concorrência em todos os níveis, tem como uma de suas características principais o modelo de gestão empresarial que servirá de alavanca de concorrência interindividual e definirá um novo modo de subjetivação (Ibidem).

Adotando medidas de austeridade que já eram planos adotados por Estados cada vez mais ativos na promoção da lógica de concorrência dos mercados financeiros (Dardot e Laval, p.14, 2016), “não estamos lidando com uma simples retirada de cena do Estado, mas com um reengajamento político do Estado sobre novas bases, novos métodos e novos objetivos” (Dardot e Laval, p.190, 2016). Não significa que o Estado deixa ou diminui drasticamente sua intervenção o seu poder, pelo contrário, temos um intervencionismo que segue uma direção na qual o Estado mina os alicerces de sua própria existência (Ibidem). Dardot e Laval (2016) vão dizer sobre uma retirada do Estado por ele próprio. Um intervencionismo negativo, que enfraquece toda oferta de serviço público que é designada ao Estado, um antiintervencionismo como princípio (Dardot e Laval, p.15, 2016). O Estado precariza, fragiliza e desqualifica, desta forma se torna

possível justificar a transferência dos fundos públicos aos mercados.

O neoliberalismo instaura um novo modo de governo dos sujeitos, em conformidade com o princípio universal da concorrência. Terá como modelo de subjetivação a empresa e como norma de conduta a generalização da concorrência (Dardot e Laval, p.17, 2016). A exigência da competitividade se torna um princípio político em todos os domínios da vida. Para isso é preciso que se produza uma relação do sujeito com ele mesmo que seja correlata à relação do capital. Ele precisa se ver como algo que requer investimento, que precisa se valorizar cada vez mais, é uma relação deste sujeito com ele mesmo como um “capital humano” (Ibidem). “O neoliberalismo não se pergunta mais sobre que tipo de limite dar ao governo político, ao mercado, (...), mas sim, sobre como fazer do mercado tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si (Dardot e Laval, p. 31, 2016).

Um novo poder que impõe ao sujeito uma postura de servidão, em que ele deve participar, engajar-se plenamente, entregar-se por completo a sua atividade profissional e ao que se propõe a fazer. Que precisa sempre buscar se desenvolver e se motivar para aumentar cada vez mais o seu desempenho. Todo esse processo é posto de uma forma para que o sujeito entenda que sua ambição, sua motivação, sua dedicação no dever a ser cumprido, seu projeto de vida, ou qualquer coisa que se use para denominar o desejo, será o alvo desse novo poder.

De acordo com Han (2018), a forma técnica de poder do regime neoliberal assume uma forma sutil. Não se apodera do indivíduo de forma direta. Em vez disso, garante que o indivíduo, por si só, aja sobre si mesmo de forma que reproduza o contexto de dominação dentro de si e interprete como liberdade. Para os filósofos Dardot e Laval (2016), o que se busca é que o sujeito trabalhe para a empresa como se estivesse trabalhando para si mesmo, desta forma é possível eliminar toda a distância entre o sujeito e a empresa no qual trabalha, sobretudo qualquer sentimento de alienação e submissão.

A norma neoliberal que se utiliza da lógica de mercado como modo de funcionamento e a forma empresa como modelo de subjetivação, torna o sujeito uma empresa de si mesmo. Dentro desta lógica o sujeito é tido como uma empresa, onde precisa sempre investir em si, desempenho cada vez maior e os

outros vistos como concorrentes. A racionalidade neoliberal força o eu agir sobre si mesmo para se fortalecer cada vez mais e sobreviver diante desta lógica de competição:

Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos (Dardot e Laval, p. 330-331, 2016).

É a fabricação de um sujeito competitivo e competente que procura sempre elevar ao máximo o seu capital humano, trabalhando e fortalecendo a si mesmo com o objetivo de se aprimorar, desenvolver continuamente e assim tornar-se sempre mais eficaz. Como caracteriza Han (p.10, 2018), esse sujeito se torna servo de si mesmo: “o sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo”. Cada um se torna um trabalhador que explora a si mesmo em prol de sua própria empresa, que é si mesmo, sendo senhor e servo em uma só pessoa. O que no capitalismo clássico tínhamos a separação muito bem dada entre servos e senhores, que resultava numa luta de classes, hoje com o sujeito ocupando esses dois papéis a luta travada também é interna e consigo mesmo (Ibidem). O sujeito não se vê mais como um trabalhador, mas como uma empresa que vende seu serviço ao mercado.

A racionalidade neoliberal é marcada pela implantação de medidas de austeridade, fragilização dos laços sociais e coletivos, flexibilização das relações de trabalho, competitividade e individualização do sujeito. Como apontam Dardot e Laval (2018), esse modo governamental produz efeitos psicológicos. O caráter flexível causa uma falsa sensação de oportunidade em organizar a vida livremente, no entanto, abala e desestrutura o que há de estável na vida do sujeito, como seus laços com os outros, suas referências e valores. Segundo Han (p.46, 2018), “O regime neoliberal introduz uma era do esgotamento. Hoje, explora-se a psiquê”.

A circunstância que se cria é o sujeito autônomo e disponível, condições

precárias e sem garantias para se trabalhar, disputa e concorrência, uma demanda incessante por desempenho, concorrência com um outro, que passa a ser adversário, fazendo com que laços afetivos sejam instáveis e vulnerabilizados. Quando o Estado mina os alicerces de sua própria existência (Dardot e Laval, 2016), manifesta-se a escassez de suportes sociais que seriam oferecidos por ele. O sujeito responsável por si mesmo e por tudo em sua vida é instado a atuar como o ser autônomo, flexível e competente, empreendedor de si, competitivo, tendo em vista uma racionalidade que se baseia na lógica empresarial (Ibidem).

O sujeito que antes poderia ser amparado pelo Estado, está diante do intervencionismo negativo dele. Se depara com a retirada desse amparo que deveria ser oferecido, não pelo Estado não ter condições de oferecer, mas por se orientar por uma lógica que induz o sujeito a buscar por conta própria suprir suas necessidades. O Estado se retira desse lugar de amparo e suporte, fazendo com que o sujeito seja lançado como empreendedor de si para que possa sobreviver a essa lógica da competição, sobretudo que se responsabilize por suas demandas.

A responsabilização e autonomia imposta ao sujeito colide com a retirada do Estado por si mesmo (Dardot e Laval, 2016), o que os autores chamam de reengajamento político do Estado sobre novas bases, novos métodos e novos objetivos, marca não a saída de cena do Estado em si, mas a retirada das redes de proteção que eram ofertadas pelo Estado em consequência de uma adesão ao discurso neoliberal. Exige-se autonomia sem o suporte para que isso aconteça e como resultado o sujeito lida com a reponsabilidade de qualquer frustração ou fracasso. O amparo e suporte que deveriam ser ofertados pelo Estado se torna responsabilidade do sujeito, a lógica neoliberal investirá na autonomia deste sujeito para que ele mesmo providencie o que for de sua necessidade.

Segundo Dardot e Laval (2016), a racionalidade neoliberal produz o sujeito que precisa determinando os modos de governá-lo, desta maneira ele será gerido como um ser em competição contínua, que precisa sempre aumentar os seus resultados e se expor a riscos. A ausência de suporte, a retirada das redes de proteção pelo Estado, a exposição a riscos, as políticas de bem-estar social diminuídas impelem o sujeito à condição de ausência de ajuda, à falta de garantias na vida e à incapacidade de atender as suas demandas por si mesmo o fazendo se

sentir impotente, ou seja, numa condição em que o sujeito se encontra desamparado.

A partir de Menezes (p. 24, 2008) podemos conceber o desamparo como “a condição de ausência de ajuda, em que não há auxílio de alguém e tampouco se pode contar com proteção alguma. Diz respeito ao estado de ausência de meios para a sustentação da vida”. Sobre o desamparo Rocha (1999) também enuncia,

Difícil imaginar uma forma de solidão maior e mais dolorosa do que aquela do desamparado. Nela o ser humano encontra-se inteiramente só. O desamparado sente-se tão só, como o náufrago perdido na imensidão do mar. A metáfora é uma tentativa de mostrar que a essência do desamparo é a solidão e o sentimento de impotência, constituídos pela impossibilidade do sujeito de encontrar sozinho uma saída para a situação em que se encontra (Rocha, p.342, 1999).

Ao impor ao sujeito autonomia ao mesmo tempo em que o priva de meios para a sustentação da vida, ao gerir um modo de funcionamento, cuja primazia é a individualização, sobretudo ao adotar medidas para que o Estado seja cada vez mais ativo na promoção da lógica empresarial de concorrência dos mercados financeiros, a sutileza e eficácia de operação da racionalidade neoliberal conduz o sujeito ao desamparo.

A noção de desamparo trabalhada a partir do viés psicanalítico torna-se uma importante ferramenta para pensar como a racionalidade neoliberal investe nessa ausência de ajuda, isto é, no desamparo. Na metapsicologia freudiana esta noção aparece desde muito cedo e não é apenas um trabalho do autor que foi dedicado ao tema. Para desenvolver sobre desamparo em seus escritos, Freud utiliza a palavra alemã *Hilflosigkeit*.

De acordo com Pereira (2008), a palavra alemã *Hilflosigkeit* é um termo comum da língua, no entanto, o uso que é dado por Freud atribui a ela o estatuto de noção fundamental. Analisando a palavra, de acordo com a tradução francesa das Obras Completas de Freud, temos em primeiro plano o elemento *Hilf*, que tem uma relação direta com o verbo *helfen* = ajudar e com o substantivo *Hilfe* = ajuda. A partícula *los*, denomina a falta, a ausência completa do elemento anterior, o *hilfe*, a ajuda. Desta forma, o adjetivo *hilflos* qualifica aquele que está sem ajuda,

que é incapaz de sair bem por si mesmo. Já o sufixo *ig* aponta a adjetivação e a terminação *keit* transforma a palavra num substantivo, indicando um estado ou uma qualidade. Sendo assim, podemos compreender *Hilflosigkeit* como um substantivo que indica o estado ou a condição de alguém que está sem ajuda, desamparado.

Para Menezes (2008), a *Hilflosigkeit* de Freud refere-se a uma condição de ausência de ajuda, como alternativa bem-sucedida da vida psíquica. Para Freud, o bebê nasce imaturo e indefeso, o que faz com que ele seja totalmente dependente de um outro para sobreviver. Em seu texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895), a ênfase dada por Freud é neurológica e no aparelho psíquico. Neste texto, o autor faz referência a temática do desamparo, apontando sobre a incapacidade psicomotora do recém-nascido em satisfazer as suas próprias necessidades. O bebê precisa desse outro e de uma “ação específica” que será responsável por pôr fim à tensão interna que ele experimenta. Podemos compreender essa ação específica como sendo a incapacidade do bebê em executar uma ação coordenada e eficaz:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para o estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo original dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (Freud, p. 241, 1950[1895] /2006).

Neste momento, o desamparo é tratado como a incapacidade do recém-nascido em satisfazer suas necessidades de vida, um momento em que o bebê necessita da ajuda externa para sobreviver. Conforme Menezes (2008), esse desamparo original citado pelo autor, situa o bebê numa condição de dependência e de ajuda de um outro para pôr fim ao aumento de sua excitação pulsional, do mesmo modo, esse outro é quem compreende e viabiliza o que o recém-nascido necessita. Esse desamparo provoca para o bebê um acesso ao mundo do outro. Quando esse outro ajuda a pôr fim ao aumento de excitação pulsional vivenciada pelo recém-nascido, propicia por meio dessa interação a vivência de uma

primeira experiência de satisfação ao bebê. Como é exposto por Freud:

Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação, que tem as consequências mais radicais do desenvolvimento das funções do indivíduo (Freud, p. 241, 1950[1895] /2006).

De acordo com Rocha (1999), a incapacidade biológica do bebê é inevitável e marca a condição humana com o desamparo. Não só do ponto de vista biológico, a situação do recém-nascido é marcada por uma situação de desamparo diante do desejo do Outro, “a dependência da criança não é só uma dependência biológica, é uma dependência de amor e de desejo. E a angústia do desamparo manifesta-se quando a criança se sente ameaçada pela voracidade desse desejo obscuro e desconhecido do Outro” (p. 336).

É possível conceber que o desamparo pressupõe a presença de um outro. De forma antagônica, a racionalidade neoliberal atua na individualização das relações sociais e afasta o sujeito desamparado desse outro, “a corrosão dos laços sociais traduz-se pelo questionamento da generosidade, da felicidade, da lealdade, da solidariedade, de tudo que faz parte da reciprocidade social e simbólica” (Dardot e Laval, p.365, 2016).

O desamparo no qual o sujeito é lançado diante da gestão neoliberal produz o afastamento, impedindo que ele demande algo de um outro, esse outro que é visto como adversário. O sujeito desamparado, sem o suporte e amparo que necessita pode ocupar esse lugar de dor e impotência. Sobretudo, essa condição de desamparo estabelece uma necessidade do sujeito de criar relações de dependência, que são minadas pela dissolução dos laços e relações sociais na lógica neoliberal.

Em Inibição, sintoma e angústia (1926 /2014), Freud nos aponta a “angústia como um produto do desamparo psíquico do bebê” (p.59) e mais uma vez ressalta sobre a importância de um outro na vida e constituição do sujeito. O autor traz a ideia de que a angústia é um estado desprazeroso especial com reações de

descarga em trilhas específicas. Na base da angústia existe um aumento da excitação, que por um lado, ocasiona esse caráter desprazeroso e, por outro lado, alivia-a com essas descargas. Para exemplificar como o desprazer da angústia adquire caráter próprio, Freud (1926) menciona sobre o estado de angústia como uma “reprodução de uma vivência que encerrava as condições para o tal aumento da excitação e para a descarga em trilhas específicas” (Freud, p.55, 1926). Como exemplo, ele vai dizer que uma vivência prototípica é o nascimento, por isso vemos na angústia uma reprodução do trauma do nascimento.

A angústia em termos biológicos terá uma função, que é a reação ao estado de perigo. Sendo assim, a angústia surgiu como reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado como esse se apresenta (ibidem). Para o surgimento da angústia, o autor mencionará duas possibilidades uma quando há uma nova situação de perigo (inapropriada) e a outra para sinalizar e evitar essa situação (apropriada). Mas o que é esse “perigo”?

Predisposição à angústia é algo evidente no bebê. Essa angústia não é tão intensa após o nascimento, diminui aos poucos e aparece depois com o avanço do desenvolvimento psíquico e mantém-se por determinado período da infância (Freud, 1926). O autor traz o exemplo de uma criança que está sozinha na escuridão e ao invés de se deparar com a mãe, que lhe é familiar, se depara com uma pessoa desconhecida, para pensar sobre esse perigo.

Esse caso, como colocado por ele, se reduz à condição de falta da pessoa amada. “A angústia aparece, então, como reação à falta do objeto” (Freud, p. 58, 1926). O bebê exige ter a percepção da mãe, isso porque ele sabe que ela irá satisfazer as suas necessidades. A situação que se dará como perigosa é o aumento da tensão gerada pela necessidade, que Freud denomina como insatisfação. Essa situação de insatisfação quando não é controlada equipara-se à vivência do nascimento para o bebê, uma repetição da situação de perigo. Levando em consideração que para o bebê existe um objeto externo (mãe) que pode pôr fim à situação de perigo que lembra o nascimento, o perigo se tornará a perda desse objeto. A falta da mãe será o perigo.

A perda do objeto determina a situação de desamparo, ou seja, a situação traumática. Podemos compreender a partir de Menezes (p.67, 2008) essa última

como a efetivação da situação de desamparo, enquanto uma situação de perigo, constitui-se como uma ameaça de uma situação traumática. Para Freud (1926/2014), é muito importante, no que tange a nossa autopreservação, que essa situação traumática de desamparo não seja apenas aguardada, mas prevista e esperada. A condição para tal expectativa será chamada de situação perigo, e é nela que é dado o sinal para a angústia. O sujeito espera uma situação de desamparo ou uma situação atual faz com que ele se lembre de vivências traumáticas já sofridas, ele antecipa esse trauma se comportando como se ele já estivesse chegado, dessa forma, pode haver a possibilidade de afastá-lo (ibidem). Sendo a angústia, de um lado a expectativa do trauma e do outro, uma repetição moderada dele.

Tomando a sequência “angústia–perigo–desamparo (trauma), podemos agora fazer o seguinte resumo. A situação de perigo é a reconhecida, recordada, esperada situação de desamparo. A angústia é a original reação ao desamparo no trauma, que depois é reproduzida na situação de perigo como sinal para ajuda. O Eu, que viveu passivamente o trauma, repete ativamente uma reprodução atenuada do mesmo, na esperança de poder ele próprio dirigir seu curso (Freud, p.86–87, 1926/2014).

### ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Fazendo um paralelo entre a perda do objeto – o qual tem a função de oferecer amparo – que culmina na situação traumática de desamparo, com a perda do suporte oferecido pelo Estado, a retirada das redes de proteção, a fragilização e redução de políticas de bem-estar social, é possível conceber o desamparo assumindo uma função desestruturante e traumática, pois marca o retorno do sujeito a uma posição de ausência de ajuda, de insegurança, passividade e com um perigo que o aparelho psíquico não tem condições de desviar.

Menezes (2008) nos ajuda na compreensão da noção de condição e situação de desamparo. A noção de Hilflosigkeit em Freud diz respeito a uma dimensão de desamparo, independente de uma efetivação numa situação traumática. Sendo, a condição de desamparo, fundante e estruturante do

psiquismo, atrelada ao funcionamento da vida psíquica, referente à linguagem na sua dimensão simbólica; e a situação de desamparo, é a concretização dessa condição instalada na situação traumática, referente ao excesso pulsional que não é possível de ser simbolizado (ibidem).

Ao retirar o outro de uma função de amparo e ao promover um antiintervencionismo do Estado, a situação de desamparo se torna estruturante da racionalidade neoliberal. Podemos entender que o neoliberalismo produz uma situação de desamparo como estratégia?

### ***FONTE CONSULTADA***

BRASIL. Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, nº 8.036, de 11 de maio de 1990, e nº 8.212, de 24 de julho de 1991. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 154, n. 134, p. 1, 14 jul. 2017. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13467.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13467.htm). Acesso em: 26 jun. 2025. BUTLER, J. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. DE CASTRO, F.; FERREIRA, J.B. Neoliberalismo, trabalho e precariedade subjetiva. Editora Fi, 2022. FREUD, S. (1895[1950] /1996). Projeto para uma psicologia científica. In: Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. I. Rio de Janeiro: Imago. \_\_\_\_\_. (1926/2014). Inibição, sintoma e angústia. In: Obras completas (trad. P. C. de Souza), vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras. HAN, B.C. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018. MENEZES, L. Desamparo. Editora: Casa do Psicólogo, 2008. ROCHA Z. (2000). Desamparo e metapsicologia: Para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. Síntese Revista de Filosofia, 26(86), 331-346